

THE UNKNOWN / 1927

(O Homem Sem Braços)

um filme de Tod Browning

Realização: Tod Browning / **Argumento:** Waldemar Young, segundo a história "Alonzo, the Armless", de Tod Browning / **Fotografia:** Merritt B. Gerstad / **Direcção Artística:** Cedric Gibbons e Richard Day / **Figurinos:** Lucia Coulter / **Montagem:** Harry Reynolds e Errol Taggart / **Interpretação:** Lon Chaney (Alonzo, o "homem sem braços"), Norman Kerry (Malabar, o homem forte), Joan Crawford (Estrellita), John George (Cojo, criado de Alonzo), Frank Lanning (Costra, cigano espanhol renegado), Bill Seay (a pequena vagabunda), John St. Polis.

Produção: MGM / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, muda, com intertítulos em inglês traduzidos em português, 66 minutos (18 imagens por segundo) / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, em 27 de Junho de 1927 / **Estreia em Portugal:** São Luiz, em 13 de Fevereiro de 1929.

Talvez se possa considerar **The Unknown** como uma das obras mais significativas de Tod Browning a par de **The Blackbird** e **Freaks**, sendo a última (que entre nós se chamou sugestivamente **Parada de Monstros**) o desembocar "natural" das obsessões do realizador com o corpo e as deformações físicas a que está sujeito, com a utilização de autênticos "fenómenos" de feira como intérpretes. Mas nos filmes anteriores (em particular os dois citados) essas "deformações" são também o elemento central das intrigas. Sem ainda ousar (?) recorrer a autênticos "fenómenos", Browning encontrou em Lon Chaney o corpo perfeito para materializar as suas obsessões, explorando como ninguém as capacidades de "metamorfose" física do actor, com um mínimo de duplos, efeitos e/ou maquilhagem. Note-se que dois dos mais famosos filmes com Chaney, **The Hunchback of Notre Dame** de Wallace Worsley e **The Phantom of the Opera**, de Rupert Julian, tinham grande parte do seu "peso" em trabalhos de maquilhagem (o rosto hirsuto no primeiro e cadavérico no segundo), enquanto Browning apenas recorria a ela para sublinhar uma ou outra característica ou para destacar uma personalidade de outra, como no caso desse fundamental **The Blackbird**. De resto tudo se apoiava no histrionismo do actor e na sua incrível maleabilidade. **The Unknown** utilizou, obviamente, duplos, num notável trabalho de efeitos especiais, para o trabalho "de pés", mas muitas cenas destas foram também o resultado de profunda aplicação do actor. Este poder mimético de Chaney adaptava-se na perfeição aos objectivos de Browning e só se lamenta que a morte prematura do actor não lhe tenha permitido ser **Drácula**, para o qual fora o primeiro actor indigitado.

The Unknown é representativo também de outra das obsessões de Browning, o mundo do espectáculo, em especial do circo (**The Show, Freaks** e também **Mark of the Vampire** está em grande parte a ele ligado). Tudo decorre nesse meio e entre gente da profissão: Alonzo (Lon Chaney), o “homem sem braços” e uma das atracções do espectáculo, Estrellita (belíssima Joan Crawford em começo de carreira), que Alonzo ama obsessivamente, sendo o único a quem ela retribui a simpatia devido à “ausência” de braços (!), estando traumatizada por uma tentativa de violação, e Malabar o atleta, também apaixonado por Estrellita e que espera pacientemente até que ela consiga vencer o “medo”. Mas Alonzo possui, de facto, braços, o que apenas o seu cúmplice e amigo, o anão Cojo, sabe, explorando a habilidade com os pés para, na condições de “fenómeno” esconder o sinal que facilmente o identificaria como o assassino do pai de Estrellita: dois polegares numa só mão! Dois fenómenos se cruzam no corpo de Lon Chaney: o de uma “acumulação” de sinais que desde logo aponta para a sua “anulação”. Aliás a cena mais impressionante do filme não é a da operação em que recorrendo aos serviços de um médico, através da chantagem, Alonzo se faz amputar os braços para “entrar” no mundo traumatizado de Estrellita, nem aquela em que acaba por descobrir a vacuidade do seu acto irremediável, ao tomar conhecimento de que a rapariga se encontra finalmente liberta dos seus fantasmas e vai casar com Malabar, culminando na sua gargalhada alucinada, mas outra em que no interior do seu quarto, começa a congeminar na forma de “chegar” a Estrellita. O plano é de uma simplicidade tão extrema que acaba por provocar um arrepio porque o espectador se “apercebe” que algo “está” a acontecer, através de sinais marginais. Ele está só com Cojo, de pernas em cima da mesa e os pés começam a fazer imperceptíveis gestos que qualquer outra pessoa faz normal e inconscientemente com as mãos, algo como “girar” os polegares, etc. Gestos verdadeiramente automáticos que acabam por assombrar (e amedrontar, pelo sentido que deles tira) o seu amigo Cojo. Ali “anuncia-se” a sua decisão de se tornar “de facto” o “homem sem braços”. Todo o horror da situação, mas também a desmesura do seu amor obsessivo e “louco”, está contido num único plano. Privilégio de mestres, de representação (Chaney) e encenação (Browning).

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico